

Diário de Petrópolis, 06 de Março de 2023

O Crescimento das Fontes Alternativas de Energia na Europa Não é a Derrota da Rússia

Por: Ronaldo Fiani

Escrevi no artigo do dia 20 de fevereiro passado que em 2022 as fontes eólica e solar geraram 22% da eletricidade da União Europeia, o que representou um percentual maior do que o gás natural (20%) segundo a consultora Ember (<https://ember-climate.org/press-releases/wind-and-solar-overtake-fossil-gas-to-produce-record-fifth-of-eu-electricity/>), o que foi um resultado importante para a Europa, que enfrentava uma ameaça de crise energética de grandes proporções no inverno de 2022-23, em razão das incertezas no fornecimento de gás provocadas pela guerra entre Rússia e Ucrânia, e redução na oferta de energia hídrica e nuclear.

Também escrevi que o crescimento das fontes alternativas de energia não significava que o petróleo e o gás estavam com os dias contados. Naquele artigo escrevi que petróleo e gás ainda serão uma fonte de energia importante, principalmente para mover a máquina de guerra e para a indústria química, mas que os países que dominarem as tecnologias das fontes alternativas de energia vão ganhar uma vantagem política em relação aos países produtores, ao dominarem uma tecnologia nova e que vai se expandir. Esta vantagem, contudo, não será absoluta, nem rápida. Ela se dará aos poucos, à medida em que as tecnologias aplicadas na geração das fontes alternativas vejam seus custos caírem, em razão de economias de escala estáticas e dinâmicas.

Economias de escala estáticas são reduções de custos obtidas simplesmente porque a quantidade produzida aumentou, ou seja, maiores escalas de produção

foram alcançadas. Economias de escala dinâmicas resultam, principalmente, do aprendizado na utilização de uma nova tecnologia, aprendizado que demanda tempo, e que faz com que surjam adaptações na operação da tecnologia, ou mesmo pequenas inovações, que também reduzem os custos de produção. Em função destas economias, estes custos já vêm caindo: em 2021 o custo da energia gerada por painéis solares caiu 13%, não obstante o aumento nos custos dos insumos utilizados na produção dos painéis. No caso da geração eólica, a redução no custo de geração no mesmo período foi um pouco maior, em torno de 15% (<https://www.irena.org/publications/2022/Jul/Renewable-Power-Generation-Costs-in-2021>). Não é muito, mas é uma tendência.

Mas isto não significa, de forma alguma, a derrota da Rússia em termos geopolíticos. É fato que a Rússia depende fortemente do seu petróleo e gás, que em 2021 representaram 45% do seu orçamento federal. A Rússia é o terceiro maior produtor de petróleo no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da Arábia Saudita, representando em torno de 12-14% da produção mundial. Em 2022, a Rússia foi o segundo maior produtor de gás, com em torno de 14% da produção mundial (o maior produtor são os Estados Unidos). São participações muito importantes nos mercados mundiais de petróleo e gás, produtos fundamentais na vida moderna, não apenas no transporte, mas na indústria química, farmacêutica, de alimentos, cosméticos e de bens de consumo de uma forma geral, para não mencionar o setor militar, com a fabricação de explosivos, e o seu uso em tanques, navios e aviões movidos a óleo.

Como escrevi anteriormente, a Rússia (assim como outros países, como a Arábia Saudita) desfruta de vantagens absolutas de custo na produção de petróleo e gás. Isto significa que ela pode obter estes produtos a custos mais baixos do que seus concorrentes, em função de fatores naturais. A vantagem absoluta de custos protege a Rússia de outros competidores, pois não é possível

reproduzir características naturais vantajosas de um país em outros lugares do mundo. Desta forma, a menos que inovações tecnológicas façam com que o petróleo e o gás comecem a ser substituídos intensivamente por outros insumos nos demais ramos industriais que citei acima, algo improvável no curto prazo, a demanda por petróleo continuará muito importante, provavelmente por um bom tempo.

Além disso, apesar do crescimento das fontes de energia alternativa na Europa, da guerra e das sanções, assim como da retirada de empresas ocidentais importantes da Rússia, a economia do país se contraiu apenas 2,1%, muito menos do que as quedas de 12%, ou 15% e até de 20% previstas por vários analistas para 2022. Para comparar, no período 2015-16 a economia brasileira encolheu mais de 6%. Ao mesmo tempo, o petróleo e o gás garantiram um superávit comercial de 227 bilhões de dólares para a Rússia no mesmo ano.

Vários fatores estão contribuindo para este desempenho relativamente bom da Rússia, obviamente dadas as circunstâncias. Em primeiro lugar, como mencionei ao longo deste artigo, as vantagens absolutas de custos daquele país na produção de óleo e gás. Em segundo lugar, a Rússia vem preparando sua economia para enfrentar sanções do Ocidente desde a invasão da Criméia em 2014. Desde aquele ano todas as potências sabem o jogo que está sendo jogado: a Rússia vem tentando impedir a expansão da Otan para territórios que historicamente fizeram parte do país desde o século XVIII até o colapso da antiga União Soviética em 1991, o que inclui a Ucrânia; e o Ocidente busca sufocar qualquer pretensão de reerguimento do poder russo. Por último, mas não menos importante, há que se considerar a importantíssima parceria econômica com a China, que fez com que as importações de produtos russos pelos chineses saltassem de pouco menos de US\$ 60 bilhões em 2020, para US\$ 79 bilhões em 2021, um crescimento de aproximadamente 1/3 em um ano apenas.

A expansão das fontes alternativas de energia na Europa apenas aliviou um problema geopolítico local: a dependência da União Europeia do gás russo. A geopolítica e a economia política globais são mais complicadas do que isto.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-232485>